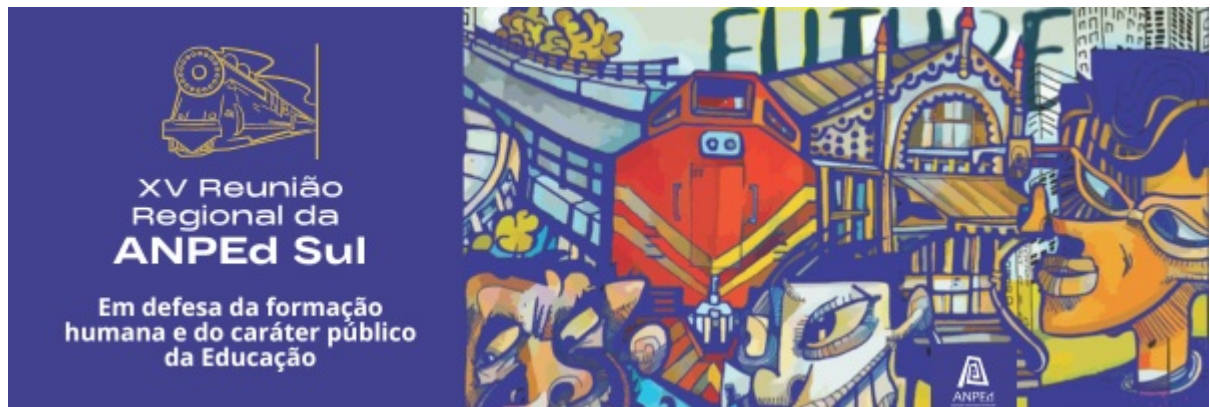




ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16200 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

O EDUCATIVO QUE ATRAVESSA: O MOVIMENTO SECUNDARISTA DE 2015

Aryel Lamed David Cacao - UFFS - UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Bruno Antonio Picoli - UFFS - UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESC

O EDUCATIVO QUE ATRAVESSA: O MOVIMENTO SECUNDARISTA DE 2015

RESUMO: O presente trabalho é uma pesquisa de mestrado em andamento que tem como tema o movimento secundarista de 2015 em São Paulo e busca compreender sua dimensão educativa em uma pesquisa qualitativa através do aprofundamento histórico e da análise teórica. Para isso, utilizamos de fontes documentais e acadêmicas produzidas no contexto do fenômeno, incluindo matérias de jornal, materiais produzidos pelos próprios agentes envolvidos nas ocupações nas redes sociais. Dentro da teoria pós-crítica, temos a hipótese de que existem dimensões variadas do educar neste fenômeno: a reorganização enquanto projeto neoliberal educa, uma vez que produz ideias. No mesmo contexto, encontramos as relações entre os estudantes e o governo estadual, que transmitem valores e interferem na subjetividade dos envolvidos, considerando inclusive, as ações dos secundaristas como resistência ao neoliberalismo e seu potencial educativo, formulando estratégias que podem fazer enxergar o mundo para além do imposto por ele.

PALAVRAS-CHAVE: Educativo. Neoliberalismo. Reforma. Ocupação Secundarista.

Esta pesquisa tem por objeto as tensões entre governo e estudantes no contexto da proposta de reforma educacional então chamada de “Reorganização Escolar” e das ocupações estudantis dos secundaristas do Estado de São Paulo em 2015. A partir disso, procura responder a pergunta: Qual o educativo nas relações que envolvem os sujeitos da reorganização escolar do Estado de São Paulo em 2015 e seus desdobramentos? Para isso,

faz-se necessário explorar os acontecimentos históricos referentes às ocupações escolares de 2015, bem como refletir sobre as dimensões educativas da reforma proposta, o que implica tensionar o neoliberalismo enquanto fenômeno educativo, e do movimento estudantil de ocupação. A pesquisa é desenvolvida na área da educação, mas procura dialogar com produções de outras áreas das humanidades.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, utilizando os métodos de análise bibliográfica, teórica e documental, dentro da teoria pós-crítica. O livro “Escolas de Luta” de Antonia Campos, Jonas Medeiros e Márcio Ribeiro (2016) será fonte central para a reconstrução histórica do evento, pois reúne material do contexto do movimento estudantil de 2015, bem como notícias de veículos de informação tradicionais, como o G1, Folha de São Paulo, Estadão, Globo, os portais independentes de jornalismo como o “Jornalistas Livres” e o “Mídia Ninja”; e as centenas páginas de *Facebook* criadas pelos secundaristas, que funcionaram como o principal canal de informações das ocupações.

Partindo do pressuposto de Sebastian Plá (2022) sobre o educativo e sua capacidade de educar, sendo este intencional ou não, o educativo pode interferir nas subjetividades dos sujeitos. Há nas ações dos estudantes um educativo, e um dos objetivos deste trabalho é entendê-lo. Ocupar a escola, realizar assembleias, dividir os estudantes em comissões que ajudarão na gestão autônoma escolar temporária, são experiências que podem ter produzido novas noções do que é o espaço escolar, saberes que ultrapassam intenções necessariamente pedagógicas e que podem ser fonte de um educar, uma vez que alteram a própria visão de escola. Este pode ser um lugar que condiciona processos educativos, cria novas subjetividades e potenciais transformações de mundo. Essas experiências educativas não tem um valor em si, tratamos delas como dispositivos subjetivadores.

A experiência educacional não é boa nem ruim por si só. Pode ser dominação ou emancipação ou emancipação sob condições de dominação. Os sujeitos, os lugares, os saberes e as intenções são tão variados que produzem milhares e milhões de experiências educativas irrepetíveis. (PLÁ, 2022, p. 14, tradução da autora)

Esses fenômenos sem valores prévios, valem-se das coisas e dos “porquês” que fazemos, participamos. São desenvolvidos também no cotidiano. No caso do neoliberalismo, que Kaščák e Pupala (2011) consideram como “território escorregadio” (p. 149, tradução da autora), tratamos de valores que muitas vezes estão em discursos e medidas heterogêneas, que ao serem reorganizados como em um quebra-cabeça, convergem e então são capazes de serem usados para firmar discursos homogeneizadores: “A metanarrativa neoliberal

representa assim uma totalidade de uma variedade de práticas discursivas e não discursivas, que muitas vezes operam de forma dispar, subliminar e diversa” (Kaščák e Pupala, 2011. p. 149-150, tradução da autora). Homogeneizadores pois criam mosaicos de pensamento fundamentados por valores mobilizados para criar uma verdade única e dominante: “[o neoliberalismo] é uma forma de imperialismo porque busca afirmar sua própria verdade como a única verdade, não apenas na esfera econômica, mas em todas as esferas da vida, individual e social” (Guilherme; Picoli, 2019, p. 3). Essas maneiras de subjetivação também educam, e é também neste potencial educativo que iremos nos aprofundar na pesquisa.

Freitas (2018) entende que o neoliberalismo “olha para a educação a partir de sua concepção de sociedade baseada em um livre mercado cuja própria lógica produz o avanço social com qualidade, depurando a ineficiência através da concorrência” (p. 31). O neoliberalismo encara a escola enquanto empresa, em virtude da concepção de empreendedorismo como “o modelo fundamental de relações humanas” (FREITAS, 2018, p. 31). Sua carta importante é o recurso ao desempenho, e seu controle e direcionamento utilizam de ferramentas variadas para tal. O índice PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) é um exemplo importante, pois usa de um sistema de avaliações para medir a qualidade da educação. Em São Paulo a prova SARESP funciona nos mesmos moldes. Para Pongratz (2006), este sistema de avaliação não é neutro dentro da sua objetividade científica, “estabelece seus próprios padrões de normalidade” (p. 473, tradução da autora). E adiciona: “Todas as iniciativas de reforma resultantes permanecem dentro de uma estratégia de coordenação desse processo de normalização baseado em poder, através do qual a sociedade disciplinar estende sua influência aos cantos mais distantes do sistema educacional” (PONGRATZ, 2006, p. 473, tradução da autora). A motivação estaria em ideais neoliberais, e seria uma “forma avançada da governamentalidade neoliberal” (PONGRATZ, 2006, p. 479, tradução da autora), com um foco na gestão escolar de qualidade: “motor propulsor da transformação do ensino e da escola, é inteiramente fiel às suas reivindicações totalitárias: enquanto exige procedimentos incessantes de individualização (de organizações assim como de indivíduos)” (PONGRATZ, 2006, p. 479, tradução da autora).

Neste sentido, Pongratz (2006) e Freitas (2018) contribuem para a investigação da reorganização enquanto reforma educacional, trazendo exemplos que dialogam diretamente com os valores construídos na reforma paulista de 2015. Freitas (2018) ainda compreende que a reforma educacional enquanto estratégia “não só produz efeitos negativos, como também ofusca as autoridades e toma o lugar de outras soluções colaborativas que poderiam estar sendo construídas, impedindo-a de desenvolver” (p. 129), e entende as reestruturações como “reformas empresariais”. Teremos em vista um imaginário neoliberal da educação

como instrumento de concretização de seus valores educativos.

Entender que o neoliberalismo educa e as formas de resistência à ele também fazem parte do que iremos aprofundar nesta pesquisa, à medida em que exploramos a ocupação temporária do espaço público como ação os secundaristas e suas complexidades. Assim, buscaremos compreender o conceito de juventudes em um contexto de hegemonia neoliberal. Calvo entende como juventude: “O conceito [...] alude uma categoria temporal, quer a percepcionemos enquanto faixa etária, quer como geração ou etapa biográfica.” (CALVO, 2011, p. 39) e problematiza esta temporalidade com ideias que se relacionam: “o de trajetórias e o de transições” (CALVO, 2011, p. 39).

Para o autor, há uma diferença entre o que costumavam ser as estratégias e táticas dos jovens na construção de seus futuros, relacionada a mudanças na estrutura social e na noção de passagem de tempo. Para encontrarmos outros horizontes explicativos em relação ao conceito de juventude e sua relação com o movimento estudantil, utilizaremos o conceito de Sebastian Plá de “categorias analíticas intermediárias” (2022, p. 74, tradução da autora), ao buscar em outras perspectivas teóricas “abstrações que tenham proximidade suficiente com referências empíricas, ao mesmo tempo que podem ser vinculados a explicações mais amplas que permitem abranger novos níveis explicativos” (PLÁ, 2022, p. 74, tradução da autora). Trabalharemos com a concepção de uma juventude que sofre com as mudanças das estruturas sociais através do tempo, ao entender as condições sociais dos sujeitos que se organizaram contra a reforma, ao mesmo tempo que a trataremos como categoria social com um potencial de transformação de mundo, dentro de seus horizontes de ação dentro do movimento estudantil.

REFERÊNCIAS

- CALVO, Enrique Gil. **A roda da fortuna: viagem à temporalidade juvenil**. In: PAIS, José Machado (Org.). *Jovens, culturas e consumos: Ensaio em Ciências Sociais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2019. p. 25-42.
- CAMPOS, Antonia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Marcio M.. **Escolas de Luta**. São Paulo, Veneta (Coleção Baderna), 2016.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- KAŠČÁK, Ondrej; PUPALA, Branislav. **Governmentality – Neoliberalism – Education: the Risk Perspective**. *Pedagogický časopis*, v. 2, n. 2, p. 145-160, 2011.
- PLÁ, Sebastián. **Investigar la educación desde la educación**. Madri: Morata; Cidade do

México: UNAM, 2022.

PONGRATZ, L.A. (2006). **Voluntary Self-Control: Education reform as a governmental strategy**. Educational Philosophy and Theory, 38(4), 471-482